

Seg, 10 de Dezembro de 2012.
07:56:00.

A NOTÍCIA | NOTÍCIAS
AUDIOVISUAL | FUNDO SETORIAL DE AUDIOVISUAL

O exterminador do passado

Depois de cem anos, formato digital de exibição põe fim à era do filme 35 mm no cinema

A resistência foi brava. Na ativa desde que os irmãos Lumière rodaram a manivela de seu cinematógrafo, em 1895, o filme 35mm começa a se despedir do papel de protagonista na história do cinema. Com o suporte digital finalmente à altura da qualidade do registro em película, consolida-se mais uma reviravolta tecnológica, que agora envolve todas as etapas da realização de um filme: da captação da imagem à exibição nos cinemas. Nos Estados Unidos, a previsão é de que, em 2013, toda a rede de exibição comercial esteja digitalizada. No Brasil, apenas 20% das 2.352 salas estão digitalizadas no parâmetro estabelecido pela DCI (Digital **Cinema** Initiatives), comissão formada pelos grandes estúdios de Hollywood que, em 2005, firmou os padrões técnicos do cinema digital.

Grandes redes exibidoras do País, porém, já exibem índices superiores a 30%. O avanço digital foi possível também pela superação de entraves burocráticos, como definir quem paga por essa transição. Foi criado o modelo de financiamento chamado VPF (Virtual Print Fee, ou “ taxa de cópia virtual”), um “ racha” que envolve estúdios, distribuidores e exibidores. A digitalização do circuito no Brasil conta com apoio do governo federal, que, via Fundo Setorial do **Audiovisual** e BNDES, financiará a maior parte dos investimentos das empresas nacionais em equipamentos DCI.

Em 2012 também foi reduzida em 30% a carga tributária para importação do sistema de projeção DCI. Uma sala neste padrão, que possibilita ainda a exibição 3D, tem custo de R\$ 400 a R\$ 500 mil.

A cópia em 35mm tem custo superior a US\$ 1 mil e exige uma complexa logística para levar as latas com o filme ao exibidor e, depois, retorná-las ao distribuidor. A cópia digital, por cerca de US\$ 200, circula num HD (disco rígido), que é acoplado ao equipamento DCI.

Facilidade logística

O desempenho de “Amanhecer – Parte 2” ilustra esse novo tempo. Um terço das 1,2 mil salas que exibem o filme no Brasil o fazem em formato digital. O lançamento maciço atingiu praças periféricas e ajudou o filme a ser visto, em duas semanas, por 7 milhões de espectadores.

“A partir de 2013, essa entrega deve ser feita via satélite. O HD também pode ter problemas logísticos, pois depende de transporte, de aeroporto”, diz Jorge Assumpção, gerente de programação da Paris **Filmes**, distribuidora de Amanhecer.

Em tempos passados, o espectador gritava e vaiava diante de um vacilo do projecionista com o foco ou a troca de rolo. Agora, esse espectador precisa reeducar o olhar, um tanto destreinado pela diversidade de estímulos visuais, para voltar a valorizar uma projeção de qualidade – garantia assumida pela nova era do cinema digital.

MARCELO PERRONE



